Refazendo a saia amarela:
Uma proposta de homenagem ao jornalista e militante Lucas Fortuna[1]

Kaito Campos de Novais[2]

1 Introdução

Imaginem que estamos no Flamboyant. Mais de trinta e cinco graus lá fora. Aqui dentro, frescor da Europa, mas sem *frescura*! Elaine Gonzaga e seu melhor amigo, Lucas Fortuna, chegam e entram numa loja muito chique. Só olham, tiram e põem as roupas de volta ao cabide. Naquele departamento de grife, o segundo metro de altura de Lucas parece minguar diante do tamanho dos preços. Mas Lucas, cuja fala leva uma pose altiva e cujo riso eleva contagiantes decibéis de felicidade, não se deixa barrar pelas vitrines filtradoras de diferenças.

Afinal, por meio de suas lutas, ele havia revestido o próprio nome de dignidade e o próprio corpo de saias. Isso porque o jornalista, árbitro de vôlei e dono de boteco, também defendia as causas políticas partidárias, estudantis e LGBT. Lucas não só foi um dos fundadores do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual e Gênero (Enudsg), como também ficou conhecido por abrir os cercos das normas de gênero e vestir sais em ocasiões de militância. Inclusive, circulam histórias quase mitológicas que posicionam Lucas no centro e fundação do Movimento Pró-Saias, que perdura de 2002 até os atuais protestos relacionados às políticas LGBT.

A amiga e também jornalista Milena Araguaia diz que o movimento nasceu em Maceió durante um congresso de estudantes de comunicação social, quando cursavam Rádio

[1] Este texto foi lido como uma homenagem aos cinco anos de morte do jornalista Lucas Fortuna, durante o II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual, evento realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e na Vila Cultural Cora Coralina.

[2] Jornalista e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS-UFG). E-mail: kaitonovais@gmail.com.

e TV na UFG. Milena me contou que, durante o evento, Lucas pega uma longa saia de estampa indiana emprestada de alguém. Quando perguntam o porquê, ele responde, brincando, que "é desse *jeitinho* lá em Goiás. Lá os homens têm a tradição de ir de saia para qualquer lugar".

Figura 1 – Lucas e o giro da saia amarela.

Fonte: NOVAIS, 2016, p.1.

Outra versão dessa história comparece na cartilha "Por que os homens vestem saias?", distribuída em 2004 por estudantes de comunicação militantes, e também na memória de amigos, como o jornalista Fernando Matos. Eles contam que durante o mesmo congresso, dessa vez em 2004, na Universidade Católica de Brasília, o reitor da UCB havia dividido os dormitórios em: homens de um lado, mulheres do outro. Pois Lucas considera essa divisão uma afronta! Põe uma saia curtíssima, que o amigo Fernando lembra como "uma saia amarela-pequi horrorosa", e vai girar seus babados na sala da reitoria. Quando encontra o reitor, ao invés de o condenar, Lucas o agradece, pois dividir pessoas por seus devidos gêneros seria um incentivo à homossexualidade!

No entanto, Fernando ainda guarda na memória a vez em que pedira a Lucas para contar a sua própria versão dessa história. "Bicha, me conta essa história da saia!", pede Fernando. E Lucas responde: "Viado, eu tava lá e só queria usar minha saia. Não queria mais

nada! Eu não tinha porra nenhuma de discussão política, eu simplesmente queria usar a porra de uma saia!"

Essa digressão aos causos da saia é importante para a gente tentar conceber a dimensão dessa presença que ocupa espaços onde não cabe e que agora extravasa dentro da loja chique do Flamboyant. Voltemos então ao momento do shopping. Logo Lucas é reparado por um vendedor, que pergunta: "Pois não? Tão precisando de alguma coisa?"

E Lucas responde, com a púrpura toda: "Não, obrigado, estou só olhando." Quando o vendedor dá meia-volta e se afasta, Lucas e Elaine escutam o homem comentar: "Bichinha!" Lucas então não deixa barato! Ele se aproxima do vendedor, cresce mais ainda a voz e o peito e exclama: "SENHOR, ESCUTA AQUI!" O vendedor então encara Lucas com olhos furiosos. Elaine pensa: "Meu deus do céu, essa bicha vai apanhar aqui é agora!" E Lucas conclui: "Você me respeita, você nem me conhece! Não me chama de bichinha! Pra você eu sou DONA BICHINHA!".

Figura 2 – Lucas e a amiga Elaine Gonzaga.

Fonte: NOVAIS, 2016, p.34-35.

2 Uma história de vidas

Eu contei essa história para demonstrar que falar sobre Lucas Fortuna exige que eu construa muitas outras biografias ao longo da dele: a de seu pai Avelino, sua mãe Tânia, seus irmãos Hugo e Daruska, suas professoras de jornalismo, suas amigas e amigos, a minha e até o perfil de coisas que o acompanhavam, como o coletivo Colcha de Retalhos do qual fez parte e a cidade de Santo Antônio, onde viveu.

Só que minha fala é marcada por uma diferença: sou alguém que nunca conheceu Lucas. A primeira vez que me deparei com sua presença foi por meio da notícia de sua ausência: Lucas tornou-se vítima da homofobia no dia 18 de novembro de 2012, na cidade de Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, onde arbitrava um campeonato de vôlei paraolímpico. Essa notícia abalou as paredes da faculdade onde eu também fiz jornalismo e afetou até minha vida. Por meio da aliança que depois estabeleci com Avelino, superei as sufocantes portas do meu armário e construí uma relação afetiva dentro de minha própria casa que, antes de Avelino e antes de Lucas, não existia.

Como forma de retribuição, entre 2015 e 2016, fiz como trabalho de conclusão de curso um romance-reportagem sobre Lucas, chamado "Lucas e o giro da saia amarela" (NOVAIS, 2016). Mas minha tentativa de bordar, literalmente[3], um perfil de sua história de vida é um esforço que falha. Há pessoas queridas de Lucas com quem não pude conversar, por causa dos prazos acadêmicos, e que poderiam narrar muitos causos e homenagens para Lucas no meu lugar.

O que eu posso contar aqui é, primeiramente, um compilado de registros envolvendo essa bicha tombadeira, conforme Fernando, o irmão de vidas passadas de Elaine e ainda a cabeça muito surreal, palhaça e amiga que me disse Milena. Em segundo lugar, também posso contar sobre o Lucas que existe depois de Lucas. Ou seja, sobre as formas como essa vida tão babadeira ainda ondula a dimensão presente do mundo. Por exemplo, a professora Angelita Lima, do curso de Jornalismo da UFG, sempre faz questão de se lembrar de Lucas como um dos responsáveis por transformar o novo currículo do curso. Nesse sentido, as professoras

[3] Bordei desenhos que representam a história de Lucas Fortuna como uma forma de traduzir em uma narrativa imagética as subjetividades que encontrei no campo, quando produzia o romance-reportagem "Lucas e o giro da saia amarela".

Lisbeth Oliveira, Juarez Maia, Luciene Dias, Nilton Reis e Rosana Borges também tecem em seus lutos a garantia de que a saia amarelo-pequi horrorosa continue fazendo rodopios na faculdade.

Figura 3 – Lucas e a mãe Tânia.

Fonte: NOVAIS, 2016, p.84-85.

Mas o exemplo mais emblemático dos babados póstumos de Lucas recai sobre sua família. A mãe Tânia foi quem primeiro empreendeu a luta materna em defesa das políticas LGBT. Era considerada o coração e a alma da casa de Santo Antônio, lugar que emanava acolhimento às diversidades sexuais e de gênero, quando abrigava as *socializations*, festas e reuniões do coletivo fundado por Lucas, o Colcha de Retalhos – a UFG Saindo do Armário. Em janeiro de 2012, aos 46 anos, Tânia morreu. Dez meses depois, no velório de Lucas, o pai do jornalista continuou a militância de Tânia pelas lutas LGBT, ao vestir uma saia pela primeira vez.

Hoje, esse que por vezes é chamado de "pãe" é conhecido também como "o pai dos LGBT do Brasil". Isso porque a saia que veste é outra. Trata-se de um tecido que não mais diz do sofrimento em torno de um cotidiano devastado por duas perdas irreparáveis. É uma saia estampada por flores e por imagens de São Jorge empunhando uma lança sobre seu cavalo. É um tecido que luta contra o dragão das LGBTfobias e que, conforme o *pãe*, "grita liberdade!". Pensando nisso, é possível reparar que Lucas é responsável por ter gestado as identidades

políticas da mãe e do pai. Ou seja, no caso específico dessa família, não são os pais quem gestam o filho. É o filho quem faz os pais.

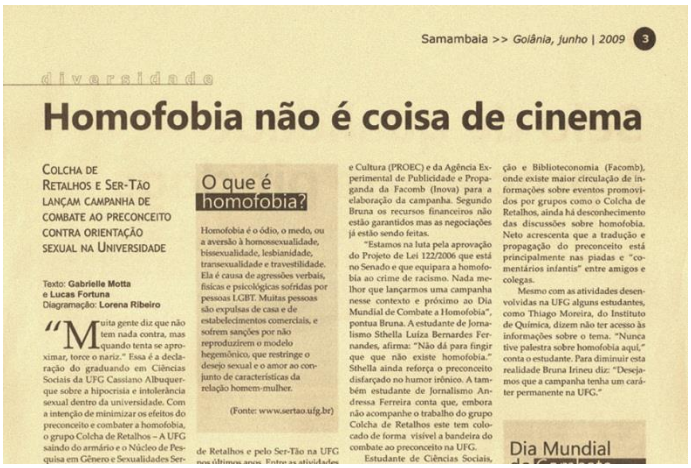
Figura 4 – Avelino continua girando a saia.

Fonte: NOVAIS, 2016, p.90-91.

Para finalizar, gostaria de dizer o quanto sou grato por Lucas e por Avelino. Embora Lucas não tenha me conhecido, isso não me impediu de formar com ele um laço afetivo e até uma relação de parentesco.

Durante o processo de escrita do livro-reportagem, eu tentei em vão responder à pergunta "quem é Lucas Fortuna?". Todos os adjetivos que usei para descrevê-lo são, na verdade, características citadas pelos interlocutores da pesquisa. Isso demonstra a busca exaustiva que empreendi atrás da presença metafísica de Lucas. Até que então, de repente, nós dois nos encontramos. Estávamos na Faculdade de Jornalismo da UFG. O encontro deu-se ao acaso, quando eu achei uma reportagem que ele havia escrito em sua época de estudante, para o jornal-laboratório do curso, o Jornal Samambaia, que existe até hoje. Reparem bem no título da matéria de Lucas, datada do mês de junho de 2009:

Figura 5 – Samambaia de junho de 2009: "Homofobia não é coisa de cinema".



Samambaia >> *Goiânia, junho | 2009* 3

diversidade

Homofobia não é coisa de cinema

COLCHA DE RETALHOS E SER-TÃO LANÇAM CAMPANHA DE COMBATE AO PRECONCEITO CONTRA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA UNIVERSIDADE

Texto: **Gabrielle Motta e Lucas Fortuna**
Diagramação: **Lorena Ribeiro**

"Muita gente diz que não tem nada contra, mas quando tenta se aproximar, torce o nariz." Essa é a declaração do graduando em Ciências Sociais da UFG Cassiano Albuquerque sobre a hipocrisia e intolerância sexual dentro da universidade. Com a intenção de minimizar os efeitos do preconceito e combater a homofobia, o grupo Colcha de Retalhos – A UFG saindo do armário e o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades Ser-

O que é homofobia?

Homofobia é o ódio, o medo, ou a aversão à homossexualidade, bissexualidade, lesbianidade, transexualidade e travestilidade. Ela é causa de agressões verbais, físicas e psicológicas sofridas por pessoas LGBT. Muitas pessoas são expulsas de casa e de estabelecimentos comerciais, e sofrem sanções por não reproduzirem o modelo hegemônico, que restringe o desejo sexual e o amor ao conjunto de características da relação homem-mulher.

(Fonte: www.sertao.ufg.br)

de Retalhos e pelo Ser-Tão na UFG

e Cultura (PROEC) e da Agência Experimental de Publicidade e Propaganda da Facomb (Inova) para a elaboração da campanha. Segundo Bruna os recursos financeiros não estão garantidos mas as negociações já estão sendo feitas.

"Estamos na luta pela aprovação do Projeto de Lei 122/2006 que está no Senado e que equipara a homofobia ao crime de racismo. Nada melhor que lançarmos uma campanha nesse contexto e próximo ao Dia Mundial de Combate a Homofobia", pontua Bruna. A estudante de Jornalismo Sthella Luíza Bernardes Fernandes, afirma: "Não dá para fingir que que não existe homofobia." Sthella ainda reforça o preconceito disfarçado no humor irônico. A também estudante de Jornalismo Andressa Ferreira conta que, embora não acompanhe o trabalho do grupo Colcha de Retalhos este tem colocado de forma visível a bandeira do combate ao preconceito na UFG.

Estudante de Ciências Sociais,

ção e Biblioteconomia (Facomb), onde existe maior circulação de informações sobre eventos promovidos por grupos como o Colcha de Retalhos, ainda há desconhecimento das discussões sobre homofobia. Neto acrescenta que a tradução e propagação do preconceito está principalmente nas piadas e "comentários infantis" entre amigos e colegas.

Mesmo com as atividades desenvolvidas na UFG alguns estudantes, como Thiago Moreira, do Instituto de Química, dizem não ter acesso às informações sobre o tema. "Nunca tive palestra sobre homofobia aqui," conta o estudante. Para diminuir esta realidade Bruna Irineu diz: "Desejamos que a campanha tenha um caráter permanente na UFG."

Dia Mundial

Fonte: NOVAIS, 2016, p. 174-175.

Agora, comparemos com o título da primeira reportagem que escrevi para o mesmo jornal, anos depois:

Figura 6 – Samambaia de outubro de 2013:"Sétima arte na era da homofobia".

Samambaia >> *Goiânia | outubro, 2013* 9

cinema

Sétima arte na era da homofobia

DEPOIS DE SE ACEITAR E ASSUMIR, O CINEMA BRASILEIRO GAY TENTA ADOTAR UM PÚBLICO E ENCONTRA OTIMISMO POR PARTE DOS ESPECTADORES

Texto: **Kaito Campos**
Edição: **Larissa Quixabeira**
Diagramação: **Jovana Colombo**

Algumas coisas vêm com a gente desde antes do nascimento, como tendência por ficar alto demais, roupinhas azuis, o nome e a orgarra do Leo. Mas outras coisas costumam aparecer mais tarde e de repente, como a chegada de um menino novo na escola do Leo, o Gabriel. Este evento é o sopro na fila de dominós que, tombando um ao outro, ativa num canto misterioso do cérebro um sentimento bonito chamado amor. Leo está apaixonado por Gabriel.

"Como assim, apaixonado?", pergunta Giovana, a melhor amiga do Leo. "Apaixonado de namora-do", termina a declaração do Leo, um menino ainda e um menino para sempre, porque sua meninice foi fossilizada dentro do curta-metragem Eu não quero voltar sozinho (2010), do cineasta Daniel Ribeiro. O diálogo acima é a representa-

derrama ousadia, por tratar o amor gay de forma tão natural.

Pesquisador de gênero e sexualidade e diretor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, o professor Luiz Mello conta que a presença de crianças em filmes assim é singular, porque "o grande pavor da expressão de afetos em relação aos homossexuais supostamente são as crianças. A lei na Rússia, em tese, é para proteger as crianças. Não podemos passar o beijo gay na TV porque as crianças assistem, como se ao pressenciar a cena (estalo de dedos) elas se tornassem homossexuais no susto!".

Ao adentrar no inventário de filmes produzidos no Brasil com personagens ou temática gaya, Ma-theus França, estudante de Ciências Sociais e militante da causa pelo Coletivo Fluidez, reforça a pre-sença do medo. Medo por parte dos espectadores que fizeram com que a história do Leo e do Gabri-el, parte de um programa do Governo Federal, fosse censurada nas escolas do Acre. E medo por parte das empresas na hora de patrocinar a produção desses filmes.

Foto: Kaito Campos

Casal de lésbicas interpretado por Glória Pires e Miranda Otto no filme "Flores Raras".

Para organizar melhor este pensamento, o estudante Matheus França propôs que o cinema mostra o "resultado de um processo de construção discursiva que a gente ouve falar e vai criando noção. A mídia é uma representação de todas as representações que a gente faz."

nacional, em geral, sofre com a queda na produção e com o preconceito. Ele joga a questão numa linha do tempo: "há trinta anos, estas discussões eram muito mais difíceis do que agora e as coisas tendem a melhorar". Neste ponto, as visões do professor e do aluno se mesclam, otimis-

O que quero dizer é que, embora Lucas não tenha se materializado diante de mim, suas palavras o fizeram. O texto dele e o meu texto se cruzam em temáticas e em palavras semelhantes, o que sugere que, em algum momento de nossas distantes e distintas vidas, nos

vimos na necessidade de escrever sobre a mesma coisa: a homofobia. É assim que os fios de nossas trajetórias começam a se embaraçar. Somos homossexuais que convivem em contextos sociais semelhantes. Ambos marcados pela cansativa necessidade de atravessar armários e de desviar das violências homofóbicas, cotidianamente.

Depois desse encontro por meio das rugosidades, eu e ele nos tornamos irmãos. Na última Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Avelino me apresentava ao seu movimento social de Mães pela Diversidade como o filhão que trouxera daqui de Goiás. Momentos depois, a multidão de cerca de 3 milhões de pessoas LGBT que povoavam a Paulista convocou a presença de Lucas, ao gritar: "LUCAS FORTUNA, PRESENTE!"

Foi ao tecer relações afetivas que voltei à questão "quem é Lucas Fortuna?". Com a sensação de jamais decifrá-la objetivamente, escrevi uma resposta redundante que talvez apreenda a diversidade de vidas que giram em torno da saia amarelo-pequi. "Lucas é um nome no plural" (NOVAIS, 2016, p.16).

Referências Bibliográficas

NOVAIS, Kaito Campos**. Lucas e o giro da saia amarela.** Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.